

MONARQUIA

ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA

ANO IX

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

N.º 47

São Paulo, Março-Maio de 1963 — Caixa Postal, 4016

Director — A. VEIGA DOS SANTOS

Redactor-Chefe José de OLIVEIRA PINHO

Exposição doutrinária: Para os homens de boa vontade

1. Não há forma-de-governo ou regimen PARA uma Nação, mas sim DE uma Nação; pois, se são universais os princípios da Ciência Política, a forma-de-governo é particular e individualizada hic et nunc, "encarnação histórica", orgânicamente vivendo e variando em seus acidentes, auto-ajustando-se e auto-superando-se no tempo, mas substancialmente mantendo-se idêntica a si mesma.

Isso pôsto, forma-de-governo PARA uma Nação é utopia cerebral e cerebrina, e só poderá existir por uma imposição violenta alheia à Nação, como a da revolução dita francesa, a do motim de 89 no Brasil ou a convulsão bolchevista da Rússia, originariamente de interesse bélico da Alemanha, em 1917.

Forma-de-governo DE uma Nação constitui VIVÊNCIA HISTÓRICA, EXPERIÊNCIA. Portanto, de HISTÓRIA DEFORMADA (como a do Brasil) provém POLÍTICA DEFORMADA. Certo universitário tolo pretendia deformássemos a nossa doutrina histórica a favor das paranoias dos ignorantes cismáticos da Pátria. Desconhece-se a posição legítima dos que sabem o real, ignora-se ser a história ciência do concreto, que não do fantástico.

Nestas nótuas, ficaremos na HISTÓRIA TOTAL do Brasil, em rápida visão. Vem metodologicamente apenas o universal. Não queremos a monarquia inglesa ou russa ou japonesa ou sueca. MONARQUIA BRASILEIRA, no chão da nossa História ontologicamente considerada, no chão da nossa Pátria.

2. Deve necessariamente haver AUTORIDADE, logo um Estado, onde quer que haja multidão racional.

Mas o Estado tem de encarnar a SOBERANIA, que à Nação pertence.

Sendo porém a Nação um TODO SUCESSIVO, sómente pode ser fundamental e adequadamente representada por uma entidade sucessiva, isto é por uma FAMÍLIA, chamada DINÁSTICA, detentora histórica da COROA ou do TRONO, símbolos da Justiça e Autoridade, procedente das origens da Nação. Tal o caso do Brasil, único país da América evoluído de modo natural e orgânico no seu ser nacional até o acto violento e anti-natural em 1889. Só a Dinastia, repetimos, pode representar excelentemente (como entidade sucessiva) o todo sucessivo que é a Nação, e a sua Soberania.

3. Ora, há naturalmente um só CHEFE na Família. Logo, igualmente na Família Dinástica. No caso concreto brasileiro, é o Rei-Imperador.

Daí, decorrem a responsabilidade, e continuidade, a independência, a actuação livre do Poder, no ESTADO MONARQUICO, representante real da Nação pela Dinastia e pelo Rei, em solidariedade perfeita de interesses.

Na República, dizem estar no Povo a Soberania. Povo, todavia, não é a Nação, senão apenas um momento dela: o fugaz momento presente. E, dado seja democrática, nem sequer representa o momento presente, senão unicamente os rótulos ou os interesses dos partidos, habitualmente contrários ao Povo e saqueadores dele.

Portanto, o Estado Republicano, ordinariamente excesscência política, não representa a Nação, nem o Povo, momento da Nação que, por infelizes circunstâncias ou traições históricas, não pôde deixar de sofrer a desgraça republicana. Pior ainda: a tendência lógica do Estado republicano é

- Desprezar praticamente o Passado;
- Desconhecer praticamente o Presente;
- Sacrificar praticamente o Futuro da Nação.

Por não ser entidade sucessiva, não forma Tradição, vive de hiatos, em eternos recomeços, eternas crises que provoca, fomenta ou cria, não acumula experiências no seu perpétuo vir-a-ser estonteante, é irresponsável, descontínuo, imprevidente, aventureiro. Mazelas quejandas intrinsecas, procura evitá-las com artificial recurso à oligarquia e ditadura, declinando afinal para o despotismo ou para a anarquia...

E (insistamos) nem sequer representa o Povo, pois é criatura dos partidos (que não são o Povo mas seus exploradores) e, em última análise, nem os próprios partidos, mas somente os próprios indivíduos "representantes"... de si mesmos.

4. Conclui-se, por conseguinte, que o Estado Republicano não representa a SOBERANIA NACIONAL, pois advém de uma delegação falsa, sem raízes na vivência histórica e tradição pátria.

É eleito (e mal escolhido) o seu falso soberano. Em toda parte (e especialmente no Brasil), são as eleições um mercado onde lutam as influências mais disparatadas, especialmente económicas, capitalistas, negociadas, usurárias, espoliadoras e até de Estados estrangeiros. Daí as continuas ameaças à União e unidade nacional e lutas intestinas.

5. E "a contrario" o ESTADO MONARQUICO representa a Nação? Sim e sempre.

Imperfeitamente nas monarquias ditas constitucionais, nas liberais, partidárias, parlamentares; perfeitamente na Monarquia Orgânica (Patrianovista) que não divide o Povo, momento presente da Nação.

É essa a MONARQUIA DA TRADIÇÃO NACIONAL, diminuída em nosso Império Antigo e ora proposta e actualizada por PÁTRIA-NOVA, única Doutrina e Movimento nacional político-cultural do Brasil.

A MONARQUIA ORGANICA não divide o povo como todos os tipos de repúblicas e democracias, tumultuosas e rixentas, pois a representação provém dos grupos naturais primários e secundários existentes na Sociedade (e não no artificio dos partidos e facções), isto é — a Família, a Igreja, a Cultura, a Milícia, a Técnica e o Trabalho em geral.

6. Em síntese, a MONARQUIA, O ESTADO MONARQUICO (personalizado no Chefe Hereditário) representa real e perfeitamente a Soberania da Nação, o Comando Nacional, em busca da paz e prosperidade públicas.

A REPÚBLICA, O ESTADO REPUBLICANO (personificado no Chefe eleito e provisório por lei ou de facto pelas continuas deposições) não representa nem

a falsa soberania do Povo que indêbitamente presume representar, nem muito menos a Soberania verdadeira, da Nação — todo sucessivo não representável por indivíduo avulso, que amiúdo pretende de balde continuar-se por vitaliciedade ou por imposição do sucessor, inconsciente porém valiosa homenagem à legítima hereditabilidade do Comando Nacional.

E como, a demais de tôdas as deficiências, dissocia a soberania falsa em três poderes, perde a unidade nas discórdias dos três briguetos da tolice de Montesquieu.

Dessarte, a República não passa de uma farsa trágica e caríssima, raiz do comunismo, que é isso a que estamos assistindo à força na Pátria Imperial Brasileira, assaltada totalitariamente em 1889 por uma corja de ignorantes armados e de marginais presunçosos, desviada do seu fulgurante destino de imensa e pacífica potência mundial, a que honrada, lenta e firmemente se encaminhava, e agora tendendo para a miséria e para o caos, remate lógico e fatal da estupidez demagógica e da insaciável voracidade republicana.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Chefe Geral Patrianovista

SARABANDA DOS PALHAÇOS POLITIQUEIROS

A nossa vida, patricios,
já vai ficar mais amarga.
Fuseram-nos nesta tanga
e em cima da tanga a carga.

Tudo em que os tais põem a mão
vira droga prontamente.
Que se dará com o açúcar
que por si é dissolvente?!

Os tais precisam de cobre,
pois nos arrasaram tudo.
Não governam, desgovernam...
e o protesto ficou mudo.

Aquelles chefes soberbos
que caçaram os de Holanda
não têm herdeiros legítimos,
pois estes mudam de banda.

São calabares covardes,
canalhas e sem vergonha;
vendem honra, tudo vendem
por um pouco de pamonha.

Falam do que não entendem,
de agrarismos e de leis...
É por isso que desprezam
a jerarquia dos Reis.

Sus! Renascei bravos Vieiras!
Aqui d'El-Rei, Camarões!
Vinde logo, Rebeldes,
pôr termo a tantas traições.

Henrique Dias, Vidal,
Fagundes, António Teles!
Saltai das cinzas gloriosas
substituindo êsses reis.

QUEREMOS E NÃO QUEREMOS

Nós patrianovistas não pretendemos, à maneira das utopias republicanas democráticas e suas lógicas consequências totalitárias, fazer o paraíso na terra, pois sabemos-lo impossível em virtude do pecado original. Só o prometem os demagogos, ainda que do nome cristão e até católico se revistam.

Alto lá, porém! Também não queremos a permanência do inferno na terra — resultado da paranóia demo-republicana. Tanto assim é que PÁTRIA-NOVA foi no Brasil o vanguardeiro das Leis Sociais, cujo estabelecimento se deveu muito a nós, quando o Chefe Geral Patrianovista em 1930 foi em seu nome pessoal e do Supremo Conselho Patrianovista sugeriu-las ao Chefe da revolução vitoriosa.

E continuamos...

Não há patriotas nem nada,
pois só querem posições.
Principiam "salvadores"
e acabam simples ladrões.

São piores do que os flamengos,
têm na veia o sangue irmão;
mas saqueiam e disfarçam
gritando: pega ladrão!

Têm a cabeça na URSS
e o coração enCUBado.
Quem os ouve e os não conhece
crê num anjo aqui baixado.

Mentiras e ódio espalham,
distilam golfos de fel.
Pobrezinhos — deitam lavas
em rádio, TV e papel.

Compram jornais, compram gente,
compram fazendas às milhas.
Pregam sedições e greves
e açulam para guerrilhas.

Traem os povos amigos
e dizem que são de paz...
quando trazem dentro d'alma
o emblema de Satanás.

Acham-se os seus armamentos
enterrados pelo chão:
vêm das "Cortinas"... decerto
para as festas de São João...

Não têm número até hoje
as crises que vão criando.
Plebiscitos e reformas...
todo um cortejo nefando.

Tudo visa a um só fim certo:
bolchevizar o Brasil.
Nunca houve nesta terra
governança tão servil.

E, sendo tão tolerantes
com quem nossa vida empata,
os Guardas desta Nação
mostram sangue de barata.

ZÉ POVO

TODO REGIMEN QUE NÃO FOR TRADIÇÃO SERÁ TRAIÇÃO

EXEMPLOS PARA A HORA QUE PASSA

Nada tão útil e edificante como recordar a fase brasileiro-portuguesa da guerra contra Holanda, para estímulo nesta época de albaritas displicentes e covardes na defesa da honra e interesse da Pátria. Nesse caso está este parágrafo de Galanti, tomo II da História do Brasil:

— Nesta acção (batalha de Vila Formosa) caiu Estêvão Velho, filho de Gonçalo Velho e de Dona Maria de Sousa, uma das mais nobres senhoras de Pernambuco, que nesta terra já perdera dois filhos e um genro. Ao ser ela informada de mais esta perda, chamou os outros dois filhos, um de 14, outro de 12 anos, e com varonil coração lhes disse: "Neste momento, meus filhos, chegou a vosso pai e a mim a notícia de haver o inimigo morto vosso irmão Estêvão, que é o terceiro filho que nesta guerra perco, além de um genro. Mas bem longe de desviar-nos dos mesmos perigos, quero colocar-vos na carreira deles. Portanto, já e já tomai a espada, e ide dar a vida com a mesma honra que vossos irmãos, por Deus, pelo rei e pela pátria". Isto proferiu ela com os olhos fitos em Gil Velho... que imediatamente foi assentar praça na companhia de Manuel de Sousa, e o mais moço não tardou muito em fazer o mesmo. De tal tronco não podia desdizer a prole, e de tal mãe se mostraram dignos os filhos. Assim fala o autor das memórias Diárias (da Guerra Holandesa).

A PERVERSIDADE DEMO-LIBERAL

A democracia torna iguais os homens honrados e os malfetores. Nessa igualdade, ou igualitarismo, só podem os injustos levar vantagens, pois os justos são avessos aos meios indignos e infames usados pelos cafejests. A honestidade torna-se, portanto, necessariamente anti-democrática.

agr
cia
AG
NO
FR
(gr

um
int

Red
enti

dor
riar
nat
fôrç
o ac
ma
mos
cam

trian
ocup
agori
char
ment
VEIS
reagiu
dões
versã
ment

QUER
CONT.
NACH

Co
só, ad
as hor
En
ser ca
da cla
gargal
mento
que la
cabeci
não p
tem e
tencez
na Su
com e
válvul

me co
de ser
convic
olhub

N
-bem
sibilit
se no
passa
instit
bebe
é dist
si na
por e
Vão

INTIMAÇÃO NACIONAL

Nós, o POVO BRASILEIRO, cansados das manobras demagógicas, do processo espoliativo em marcha, das atitudes anti-nacionais e suspeitas, bem como dos actos evidentemente bolchevizantes da Alta Cúpula Governante, havemos por bem, em virtude da auto-determinação que exercemos desde 1822, exigir dos supremos dirigentes desta Pátria saqueada e atraída não só a declaração das suas rendas e bens, mas também a exposição clara e precisa da origem dos mesmos.

CHEFE GERAL PATRIANOVISTA

(Esta intimação está no desejo íntimo de todos os brasileiros honrados, inconformes com o vitupério da actual situação nacional, e conta com a assinatura directa de mais de 5.000 patriotas sem medo e sem labéu que humilhe mas gloriosamente procure representar, pois não temos espaço suficiente para isso. Quanto ao sofrido Povo Brasileiro, não tem em parte alguma um ORGAO LEGITIMO, nem PROCURADOR BASTANTE para tão espantoso "atrevimento", como facilmente o reconhecerão os homens de bem e de boa vontade que ainda os há neste País arrasado. (s) Arlindo VEIGA DOS SANTOS, Av. Esperança, 138, GUARULHOS SP-BRASIL).

NÃO CONSULTE CHARLATÃES EM POLÍTICA. LEIA "IDÉIAS QUE MARCHAM NO SILÊNCIO", DE A. VEIGA DOS SANTOS.
Em todas as livrarias de S. Paulo

COMUNAS E SOCIALISTAS

Esses malfetores internacionais, escudados em raposas governantes, querem impor-nos na maquiota ou totalitária e brutalmente as suas utopias anti-humanas, desumanas e criminosas, cujos resultados infames e catastróficos bem conhecidos nos são.

São erros de doutrina, tanto como de experiência e contra a Lei de Deus e a sabedoria histórica dos homens. Temos consequentemente, no mínimo, qual o meio de defesa, o direito líquido de impor-lhes A FORÇA, antes que nos escravizem, aquilo que pela Revelação e pela História remota e próxima de nossa Nação sabemos mais conveniente aos nossos povos.

Garantimos-lhes que isso NÃO É FORMA NENHUMA DE REPÚBLICA.

E não temos medo algum das palavras "reaccionários", "fascistas" etc. com que se amedrontam generais pijamáticos, doutores sensitivos, clérigos melosos e eunuocos desfibrados.

Conhecemos a brutalidade das quimeras sanguinárias que nos querem impor.

DEFENDEREMOS ATÉ O EXTREMO A NOSSA LIBERDADE DIVINA e NACIONAL, como os másculos brasileiro-portuguêses na Guerra Holandesa que não tinham as susceptibilidades idiotas e covardes desta geração acanalhada.

NA REPÚBLICA, O POVO TRABALHA E O GOVERNO ATRAPALHA

AGRADECIMENTO

Aos Chefes, Coordenadores, Encarregados, Conselheiros, Arautos e Propagandistas de todo o Império, a Chefia Geral agradece o pronto atendimento ao pedido das moções que recebemos aos milhares de todos os recantos.

Ademais do agradecimento, queiram todos aceitar os mais calorosos parabéns pela presteza imperial com a qual se manifestaram na recente oportunidade.

Recomendamos-lhes outrossim estarem atentos a qualquer outro pedido que acaso lhes fôr enviado pelos canais competentes.

Glória!

ELOGIO DA REPÚBLICA

QUASE MEIO SÉCULO DE CONFUSÃO, DE DISCÓRDIA, DE AVILTAMENTO! QUASE MEIO SÉCULO DE IGNOMÍNIAS PRATICADAS EM NOME DA ORDEM E DO PROGRESSO!

QUASE MEIO SÉCULO DE VERGONHOSA RAPINAGEM, DE ESBANJAMENTOS, VERDADEIRO ASSALTO AOS COFRES PÚBLICOS! QUASE MEIO SÉCULO DE REGIMEN REPUBLICANO OU REGIMEN DE GAZUA! — "O partido de Salvação", Correio Católico, Uberaba, 9-4-1932.

Dr. João Teixeira Alves

PREPARAÇÃO DE ESTADISTA...

(Dos Jornais, a 12.12.1960)

MOSCOU (AFP) — O sr. João Goulart, vice-presidente do Brasil, visitou hoje a Universidade da Amizade dos Povos, onde foi recebido pelo reitor Pavel Erzine. O sr. João Goulart conversou com 18 estudantes brasileiros da Universidade, declarando ao se retirar que sua visita à URSS seria incompleta se não visitasse um estabelecimento de ensino superior que oferece tanto interesse. Em seguida, o vice-presidente do Brasil visitou o subterrâneo de Moscú, os novos quartelões do sudoeste e a grande piscina recentemente inaugurada nesta capital. Mais tarde assistiu no Teatro Bolchoi a um espectáculo de "ballet" em companhia de Nicolau Organov, vice-presidente do Soviete Supremo da União Soviética.

— Já devem andar por aí os dezoito bolchevizados e bolchevizantes de que a tal universidade da amizade é fábrica conhecida, reexportando para Asia, Africa e nossa Hispano-América os otários que lá talvez fôsem buscar ciência, mas não tiveram coragem de reagir como certos africanos que refugiaram a esparrela e botaram a boca no mundo contra os possessos do Oriente.

CUIDADO COM AS RAPOSAS GOVERNANTES!

... Quando o brasileiro assiste impassível ao Estado, no Brasil, fazer-se, através de Volta Redonda e do Vale do Rio Doce o senhor do ferro; através da Réde Rodoviária o senhor dos transportes por via férrea; através do Loide, do ITA, da Navegação do Prata e da Amazônia o grande armador, através dos Institutos do Sal, do Pinho, do Café, do Açúcar, etc., o senhor de toda uma série de actividades económicas e dominar as finanças, e se apoderar das emprêsas de energia eléctrica, e possuir jornais, e ser o único produtor de petróleo, e ter fábricas de álcalis, de automóveis, de macarrão, de calçados, etc. — Quando o brasileiro assiste a isso sem se arrepiar, sem temer, sem se inquietar — esse brasileiro está fazendo "harakiri" moral. Está se suicidando. Está conscientemente perdendo a liberdade, aquela liberdade que há 2 mil anos ele vê emergir das leis, dos costumes, da ética, da vida.

Marechal Inácio José VERÍSSIMO

GRÁTIS O SR. RECEBE ESTE JORNAL. AJUDE-O A MANTER-SE COMPRANDO O LIVRO "IDÉIAS QUE MARCHAM NO SILÊNCIO", DE A. VEIGA DOS SANTOS.

"MONARQUIA"

Recebeu V. S., por qualquer via, este eco das nossas actividades? Escreva-nos, dê-nos a sua opinião, solicite-nos o envio permanente da nossa folha preenchendo este convite, mesmo sem compromisso de adesão.

Nome

Endereço

O QUE DIZEM POR AÍ...

Na última reunião do Ministério, o presidente da República reafirmou o propósito (melhor diríamos a obstinação) em que se encontra de condicionar a reforma agrária à alteração da Constituição federal; e, com o visível intuito de intimidar o Congresso, deu a entender que a resistência deste poderia exaltar os radicais, levando-os a alargarem o âmbito de suas reivindicações.

"Não quero, de maneira alguma — frisou o presidente, segundo foi divulgado — reforçar a bandeira daqueles que desejam reformas mais radicais". Esta expressão envolve uma advertência, que também tem tonalidades de ameaça, pois dá a entender que, se a Constituição não for emendada, a bandeira dos que pretendem reformas mais radicais poderá ser reforçada.

Há mais. Acrescentou s.s. — ainda segundo o noticiário — que "será penoso manter a tranquilidade da família brasileira". Aqui a ameaça já vai tomando corpo e, por fim, se concretiza claramente nos dois seguintes tópicos: "Como presidente, nunca dirigirei um estado policial", sendo que "jamais poderia reprimir pela força os sentimentos legítimos do povo que confluiu em mim". Já neste último período passa-se da ameaça ao incentivo à subversão, com a garantia antecipada, oferecida pelo primeiro mandatário, "de que não reprimirá os sentimentos legítimos do povo que nele confluiu".

Isto, pôsto em termos mais diretos, mais descobertos, quer dizer o seguinte: — Podem perturbar a ordem, a pretexto da reforma da Constituição, que eu, não desejando, como presidente, dirigir um estado policial, não reprimiréi o que se fizer em favor daquela reforma.

Nada mais claro. Temos, pois, que o presidente da República, que no nosso sistema é o comandante em chefe das Forças Armadas e o responsável direto pela manutenção da ordem no país, vem declarar que, se a resistência do Congresso à ideia de reformar a Constituição permanecer, isto poderá reforçar a bandeira dos que desejam reformas mais radicais e ele, presidente, não reprimirá os que assim agirem, pois não quer dirigir um estado policial.

Está feito, pois, o convite à subversão, com a prévia garantia de impunidade.

Se for exato o noticiário que divulgou aquelas palavras do presidente da República, somos forçados a reconhecer que jamais a nação brasileira enfrentou uma conjuntura tão grave, em que o primeiro mandatário, responsável máximo pela manutenção da ordem e defesa das instituições, vem dar aos agitadores o aceno que estes esperam para iniciar a baderna e convulsionar o país.

Não conhecemos, na história da humanidade, nenhum caso semelhante a este. Diário Popular SP, 22.5.63., sob o título "Ameaças e estímulo à subversão".

(Dos jornais a 22.5.63.) — O diário paulista "ABC", citando fontes fidedignas, afirma que cerca de onze mil pessoas foram mortas em Cuba desde janeiro de 1959 até o momento. O relatório reproduzido por esse jornal diz que foram fuziladas 2.876 pessoas por ordem dos "tribunais revolucionários", outras 4.245 sem passar por esse "tribunal" e que 2.946 pessoas morreram em ação de guerra, encontrando-se desapaixoadas 634. A nota acrescenta ainda que "dessa dezena de milhares de mortos, mais de cinco mil são operários e camponeses", concluindo: "Convém assinalar que 31.706 pessoas se encontram sofrendo de delitos políticos nas prisões castristas".

— E o que desejam fazer no Brasil os internacionais ditos "nacionalistas", inspirados pelo presidente da República?

Em tudo importa o "régimen". Também em futebol Acabam os nossos pedibolistas uma excursão à Europa, da qual voltaram "frangamente" desmoralizados. Não levaram comando. Foram um reflexo da vida política actual do País. Todos os jornais têm glossado o mote. Já tínhamos aprendido algo em dois encontros internacionais. Decalmos! Lamentável que a politicagem nos desportos repetisse o que está acontecendo nas próprias culminâncias do ex-governo nacional.

A União Internacional dos Estudantes (comunistas), com sede em Praga, acaba de ganhar a adesão da UNE, com sede no Rio. Delegação brasileira, presidida pelo sr. Aldo Arantes, então presidente da UNE, solicitou e obteve filiação à União Internacional. Conseguiu até a eleição da UNE para uma das vice-presidências. O curioso é que a UNE, como filiada da União Internacional, se fez credora de um auxílio em dinheiro da mesma. Trecho do relatório de 62, da própria UNE, confirmando-o: "Foi assinado convênio com a União Internacional dos Estudantes, em que esta se propõe a fornecer recursos para a campanha de alfabetização, sob a forma de passagens para os seminários, material de publicidade, um mimeógrafo para cada uma das comissões estaduais de alfabetização mantidas pelas Uniãos Estaduais de Estudantes e a quantia aproximada de dez mil dólares para as necessidades urgentes".

QUER COMPREENDER O BRASIL? LEIA "IDÉIAS QUE MARCAM NO SILÊNCIO", DE A. VEIGA DOS SANTOS.

Ouro de Praga. — Maurício Caminha de Lacerda, "Correio da Manhã", Rio, 24.5.63.

Estamos em franco progresso em moedas... Nesse mesmo jornal e nessa mesma data, lemos All Right no artigo "Casa da Moeda", assim:

"Desde novembro do ano passado que a secção de cunhagem da Casa da Moeda está inativa, por falta de material. Antigamente, a nossa moeda divisionária era de prata, de há muito totalmente desaparecida. Passou a ser depois de níquel que também desapareceu. Ultimamente, a cunhagem era de alumínio, mas até esse foi aos poucos fugindo, apesar do seu pouco valor intrínseco. O que há hoje é a imundície das cédulas de um e de dois cruzeiros, que causam repugnância a quem as recebe.

"Entretanto, a velha repartição, que foi fundada em 1694, na Baía, quando a "boa terra" era a Capital da Colônia (Alfama, Estado do Brasil, diz "Monarquia") e trazida para o Rio no ano de 1703, em caráter definitivo, depois de ter passado uma temporada em Pernambuco, entretanto — repito — a Casa da Moeda está aí preparada para fazer as nossas moedas, sem poder trabalhar, nesse particular, com as suas máquinas paralisadas, devido à falta de matéria-prima, que o governo não fornece e o Congresso, por sua vez, não dá verba para as necessárias aquisições... A Casa da Moeda é uma tradição que deve ser mantida, quando mais não seja, até por espírito de economia. Está aí um bom prato para os "nacionalistas": — Ingenuidade sua, sr. All Right! Para isso, precisa a "jangada" de uma adicional reforminha de base e um super-artigo constitucional... desnecessários no soberbo Estado do Brasil, alcunhado colônia.

— Dando início à sua nova ofensiva contra o espírito e a letra da Constituição, decidiu o sr. João Goulart escolher São Paulo para campo das suas primeiras acometidas. Aqui, capital da unidade da Federação que entra com cerca de 60% dos recursos orçamentários nacionais, é que s. excia. achou por bem pregar as suas ideias subversivas e o propósito de destruir pela base a estrutura político-jurídica da nacionalidade. Estado dos mais evoluídos, senão o mais evoluído do País, onde, mercê do esforço dos seus habitantes, já se atingiu um "standard" de vida que pode perfeitamente nivelar-se ao de muitas das nações mais desenvolvidas do planeta, chega a ser um absurdo que o caudilhe do Sul lhe pretenda impor a sua maneira primária de ver a chamada questão agrária e o modo simplista com que pretende resolvê-la. Não lhe negariamos esse direito, nem o de ter escolhido este Estado para mais uma arremetida contra as instituições, se s. excia. realmente tivesse alguma coisa a ensinar-nos, ou qualquer argumento novo susceptível de modificar as convicções que os paulistas têm a respeito. MAS O SR. JOÃO GOULART, NESTA MATERIA, TEM MAIS PARA APRENDER QUE PARA ENSINAR (versal nosso).

Somos a parcela do Brasil que vem envolvendo aos pulos, e que do estado praticamente primitivo em que vivia há apenas cinquenta anos soube transformar a terra arrebatada às florestas virgens que então a recobriam na mais poderosa fonte de riqueza agrícola que hoje existe na América do Sul. Nesse espaço de tempo ACUMULAMOS, EM NOSSOS ARQUIVOS E NOSSAS MEMÓRIAS, UM ACERVO DE DADOS E EXPERIÊNCIAS DE QUE O SR. GOULART JAMAIS TEVE NOÇÃO E QUE, SEM DOUVIDA NENHUMA, NOS CONFERE A AUTORIDADE QUE A S. EXCIA. FALTA PARA FALAR SOBRE O ASSUNTO (versal nosso). Não é, pois, o que um estancieiro da fronteira tenha para nos dizer que poderá modificar nossas ideias a respeito e a determinação em que nos achamos de REPELIR, NÃO SÓ OS PROCESSOS CAVILOSOS DE QUE S. EXCIA. SE SERVE PARA INDUZIR A OPINIÃO PÚBLICA A ADERIR À SUA POUCA HONESTA PREGAÇÃO, COMO A INDIGÊNCIA DE ARGUMENTOS A QUE S. EXCIA. RECORRE (versal nosso). Para falar aos paulistas, deveria o sr. Goulart tomar certas cautelas e, sobretudo não ter a pretensão de paternalmente desculpar o nosso irredutível antagonismo com a sua pobre dialética, atribuindo a posição que conscientemente adotamos neste degradante episódio da política nacional "à falta de maior esclarecimento, e não a uma cegueira incurável (sic)". — Isto diz objectivamente O Estado de S. Paulo, na luta em que todos estamos, COMO NACIONAIS, independentemente até de regimens, contra a traição governamental não só ao SOFRÍVEL institucional que está aí, mas a tudo que é humano e cristão fundamental em qualquer governo. Estamos todos defendendo a nossa cristã e brasileira LIBERDADE. E por ela tomaremos ARMAS se for preciso. Não queremos nada do que a "jangada" namora... absolutamente nada! Queremos continuar cristãos e nacionais. Nada de fidelismos, urssismos e chinismos. Quem quiser isso, desterre-se. E já vai tarde!

"Se a República nascer pelas armas, morrerá pelas armas!" — proclamara Silva Jardim, agressivo propagandista da tal.

— De acórd. Assim será, sem deixar saudades.

Satã não homem se é. Não se pressamento Anticristo mas o seu falsas doutr mem desde quando se tá é o da s duma gran sua medida dição. Ser sua condiçã

A TOD LACIOSO E cularização do reino de que este re de Criso, no de paz, na Terra, xiliar a ob a tentativ mente dese TE DO MA NAO COIN E ESQUEC (OU ESQUI LIDADE S LIDADE S TRA A RE fício que ração do l utopia pre porta qual felicidade rios: não trariados UM FAM PERFEITA

O reg qualquer capital qu no facto d ORDEM E MENTE P Deus impo boração. do o utop rinos agr utonla co de indiviú messianic gresso de sem class tal segur racial dos quimeras.

No NA NA

Tenh que nós outra na Brasil fô bitantes; rermos q produzia que prog dor mau da metr mais civ não de p a de na mais op sima, pa todos os Qual

desa. T a roberb ainda d nos ter medos d vís ame gillo, 18

Satanás e as Utopias Totalitárias ou Democráticas

Satã não seria o grotesco imitador de Deus e o inimigo do homem se desistisse de arremedar a própria salvação.

Não se apresenta, a si próprio ou ao seu mensageiro, repressivamente como o autêntico redentor — o aparecimento do Anticristo "satânico" foi um recurso das épocas recentes — mas o seu espírito de negação actua incontestavelmente nas falsas doutrinas de salvação que têm sido propostas ao homem desde o triunfo da razão. Satã é particularmente perigoso quando se inculca amigo dos homens; o humanitarismo de Satã é o da serpente do Paraíso: apresenta ao homem a miragem duma grandeza e duma felicidade que não estão talhadas à sua medida, instigando-o a cometer acções que o levam à perdição. Sempre que o homem tente ultrapassar os limites da sua condição tem que sofrer tremendas derrotas.

A TODAS AS UTOPIAS É INERENTE O CARÁCTER FACILIOSO DO HUMANITARISMO LUCIFÉRICO. São uma "secularização", ou seja, uma deturpação da profecia do advento do reino de Deus no fim dos séculos e assentam na crença de que este reino de perfeição será instaurado, não pelo regresso de Cristo, mas unicamente por obra do Homem — será um reino de paz, de justiça, e de amor universal. Tudo se alcançará na Terra, no tempo histórico. Como é que esta crença pode auxiliar a obra destruidora de Satanás? Não é somente porque a tentativa de pôr em prática receitas utópicas inevitavelmente desemboca no terror. O HOMEM É MUITO DIFERENTE DO MODELO HUMANO PORJADO PELAS UTOPIAS QUE NÃO COINCIDEM COM A REALIDADE. OU O IDEALIZAM E ESQUECEM A SUA RADICAL PROPENSAO PARA O MAL, OU ESQUEMATIZAM-NO E ESQUECEM A SUA INDIVIDUALIDADE. POR ISSO, AS TENTATIVAS PARA TORNAR REALIDADE SOCIAL UMA UTOPIA ESBARRARAM SEMPRE CONTRA A RESISTENCIA DOS HOMENS TAL COMO SÃO: o benefício que deveriam auferir reduz-se sistematicamente à instauração do ESTADO POLICIAL E À REPRESSÃO VIOLENTA: a utopia presume de verdade total e, conseqüentemente, não suporta qualquer opposição. Uma utopia é, pois, uma coacção à felicidade e os despotismos ideológicos são os mais sangüinários: não suportam que os seus maravilhosos planos sejam contrariados por "ignorantes". AS DEVASTAÇÕES CAUSADAS POR UM FANATISMO DE UTOPICAS IDEIAS FIXAS CONVEM PERFEITAMENTE À ESTRATEGIA DE SATANÁS:

O regime de violência a que conduzem as realizações de qualquer utopia é apenas consequência ou sintoma de um erro capital que está no fundo da questão: consiste simplesmente no facto de OS UTOPISTAS CONSIDERAREM POSSÍVEL UMA ORDEM PURAMENTE HUMANA, CONSTRUÍDA EXCLUSIVAMENTE PELA RAZÃO — ou, seja, uma ordem diferente da que Deus impôs ao homem, fundada e mantida pela mútua colaboração. Deste binómio resta apenas o homem, mesmo quando o utopista ainda menciona o nome de Deus (não nos referimos aqui, é claro, aos satíricos e críticos que se servem da utopia como forma literária). É o homem, ou uma comunidade de indivíduos, ou uma colectividade luminada, ou uma classe messiânica — o proletariado — ou a espécie em infinito progresso de evolução, que realiza a ordem redentora, a sociedade sem classes, a harmonia pela livre competição, o estado de total segurança e prosperidade pela tecnocracia, a supremacia racial dos Germanos, a sociedade igualitária ou outras tantas quimeras.

No entanto, UMA ORGANIZAÇÃO PURAMENTE HUMANA NÃO É UMA AUTÊNTICA ORGANIZAÇÃO, PORQUE SEN-

OS CISMÁTICOS DA PÁTRIA

Tenho ouvido já, quase sempre a descendentes de europeus, que nós seríamos felicíssimos, se tivéssemos sido colonos de outra nação. Antes de tudo, este nós é um disparate: se o Brasil fôsse diversamente colonizado, não seríamos nós os habitantes; e devemos aos compatriotas sobrejo amor para queermos que eles sejam outros e não nós mesmos. Portugal produziu um império de nove milhões; digam-me qual é o país que proporcionalmente fez tanto? Apesar das injustiças que dos maus governos sofríamos, apesar de mesquinhos ciúmes da metrópole, nossos pais nos transmitiram — 1) a religião mais civilizadora; 2) franqueza e hospitalidade à nossa custa, não de palavras e cortêsias; — uma legislação civil melhor que a de nações as mais presunçosas; — 4) uma língua sonora, a mais opulenta, senão para as cousas da indústria moderníssima, para a história, para a navegação, para a poesia, com todos os matizes e variedade e graça.

Qual é a colónia francesa emancipada? Qual é a holandesa. Tiradas as da Espanha, mais da Inglaterra, que produziu a soberba e livre república norte-americana, as restantes estão ainda debaixo de tutela: nós já vamos forçando o orgulho a nos ter em consideração, e mais seremos, se desprezarmos os medos de conquista no nosso território e opusermos energia a vãs ameaças. — ODORICO MENDES, Nota .. tradução de Vergílio, 1858.

DO PURAMENTE HUMANA SE SUBTRAI À TENSÃO BIPOLAR DEUS-HOMEM, ÚNICA BASE DE UMA ORDEM AUTÊNTICA. A obra dos utopistas, por muito engenhosas que pareçam as suas architecturas, por muito coerentes que sejam os seus planos e regulamentos sem lacunas, é uma obra do caos, da alçada de Satã, assim como a ordem é de jurisdição de Deus. Despende força humana para realizar o nada de falsas esperanças e sempre que, após enorme derrame de sangue e nenhuma felicidade, se instaura o regime sob a bandeira da utopia, torna-se evidente que os seus alvos são inatingíveis, o que, aliás, nunca se reconhece, sendo pelo contrário as derrotas sofismadas e transformadas em triunfos ao mesmo tempo que a realidade dos factos é falsificada pelos lemas utópicos. Eis por que OS TOTALITARISMOS DE ORIGEM UTOPICA RECORREM A MENTIRA. O sistema soviético denomina-se oficialmente "ditadura do proletariado" e socialismo, embora efectivamente seja uma DITADURA DE FUNCIONÁRIOS DO PARTIDO E DE GENERAIS. AS DEMOCRACIAS, aliás NÃO SÃO TAMBÉM O "GOVERNO DO POVO".

Todas as utopias enfermam do mesmo erro: querem terminar a história no tempo. O prometido reino final, para ser perfeito, deveria ser imutável. Deveria constituir o enquadramento estável onde se desenrolassem os processos vitais humanos pacificados e sempre idênticamente repetidos: não haveria lugar para contradicções, divergências, transferências de poder que determinassem uma evolução imprevisível; nada "aconteceria" que pudesse ser objecto de história; os valores seriam realizados e assegurada a sua preservação, a perfeita racionalidade e eficácia de todas as funções e regulamentação seria alcançada, deixaria de haver uma direcção futura para os acontecimentos, e a humanidade chegaria à meta do tempo.

O anjo do caos põe todo o seu empenho em cativar os espíritos com este SONHO DE ETERNA FELICIDADE TERRENA, DE UM REINO SEM HISTÓRIA. Esta concepção deverá levar-nos a esquecer que a meta se situa para além do nosso tempo e que o reino de Deus não será nunca um reino dos homens. Pretende, sobretudo, fazer esquecer que entre o tempo e o mundo nossos o novo Eon do reino divino da Redenção há uma profunda cesura: o juízo final. Cristo voltará como juiz do mundo para a safra da justiça, para separar o trigo do joio, e todas as nossas obras serão, desde o princípio, apresentadas em julgamento — teremos que prestar contas dos nossos actos e se isto nos pode preservar de estultícia e presunção. Se, porém, o esquecermos e aderirmos ao falso espírito das utopias, sempre, enquanto o mundo for mundo, cairemos na estéril alternância da "hybris" e do desespero, tornando-nos joguetes de Satã.

Anton BÖHM, Satã no mundo actual
Livr. Tavares Martins, Pôrto.

INICIATIVAS

Há um que é chefe, porquanto, iniciativas, não as há colectivas nem no céu nem na Terra, seja para o bem, seja para o mal.

Vicente Risco

GOVERNO NÃO QUER NADA...

Estou cada vez mais certo de que os pregoeiros da revisão constitucional não desejam fazer reformas de base de espécie alguma. O que querem é continuar enganando o povo, para não serem obrigados a prestar contas da administração catastrófica que vêm realizando... Encontram eles, desta forma, uma desculpa pelo não cumprimento de velhas e renovadas promessas. E bastante que se recorde a campanha do plebiscito, quando responsabilizaram o sistema parlamentarista por todas as desgraças que o País vinha sofrendo... Ganharam o plebiscito, voltou-se ao presidencialismo. E toda gente sabe, para só citar os factos, que O Custo da vida, em fevereiro, que era insuportável, tornou-se duplicadamente mais caro e que A CORRUPÇÃO DO GOVERNO É CADA VEZ MAIS EXTENSA E GENERALIZADA. Como se mostram incapazes de reformar os costumes, os métodos de governo limitam-se a querer reformar a Constituição, certos de que enquanto fazem a propaganda da revisão constitucional o povo fica distraído e continua esperando a realização de um milagre que certamente jamais poderá vir.

Deputado Pedro Aleixo

NOSSA NOVA CAIXA POSTAL

4 . 0 1 6

FORMAS DE GOVÊRNO

— Confesso lisamente que jamais compreendi a razão pela qual a questão das formas de governo raramente é discutida de maneira científica e objetiva. O fenómeno da simpatia puramente subjetiva por este ou por aquêlle regime é compreensível, podemos admitir até razões psicanalíticas para explicar as preferências. De fato, há pessoas que "gostam" da república, ou da monarquia. E com isto ficariamos em paz com o velho brocardo "de gustibus et coloribus...". Mas, será que num debate teórico, em livros, mesmo em artigos de jornal, seja permitido colocar a questão segundo os critérios puramente subjetivos, como os que explicam a preferência de "torcedor" pelo Botafogo ou o Fluminense? O diálogo monarquia-república será um Fia-Flu sociológico? Ou podemos determinar, objetivamente, com base em raciocínios e argumentos, em experiência histórica, na análise sociológica dos sistemas vigentes, a melhor maneira de organização do Estado em vista do bem comum?

É por achar isto (eu acredito na razão humana, alimento este preconceito que vem de Aristóteles de ser o homem um animal racional, um ser pensante...) é que lamento a fraqueza dos argumentos usuais a respeito. Tenho procurado rejuvenescer a argumentação em favor da Monarquia (como nos livros *Do Governo Régio, e Harmonia Política*) — gostaria que alguém fizesse o mesmo com relação à República. Confesso que não vejo como existiam republicanos ainda, em face dos argumentos que habitualmente encontro nos livros, ou nas conversas de esquina.

Lembrarei, a título de exemplo, algumas "pérolas" colhidas ao acaso.

Constantemente as pessoas alegam razões de "determinismo histórico" que importaria uma necessária transição monarquia-república. A História nos mostra algo diferente — que as formas de governo se alternam, sendo república mais antiga — o primeiro rei, obviamente, não herdou o trono, conquistou-o, ou era um chefe eletivo que se tornou hereditário, como no caso dos casos da França, da Holanda, etc. Demandar a respeito da antiguidade respectiva de monarquia ou república é quase como repetir a anedota da prioridade de origem da galinha ou do ovo.

O mais é confusões acêrca da Filosofia da História, campo de palpites sem fim. As leis históricas nos dão uma linha geral de sucessão, mas nunca figura concreta do fato. Se dissermos que nossa época assiste à ascensão do proletariado, podemos assinalar dezenas de modalidades do fenómeno, do comunismo soviético à democracia social da Suécia ou da

RÊUS PUBLICANOS

Esses criminosos que dirigem ou, antes, digerem o Brasil roubando ou deixando roubar o povo por meio dos seus afilhados, eleitores e mãos-de-gato, não entendem de maneira alguma, nem querem entender a linguagem do bem comum.

Chegam à perfeição criminal de fechar os portos da Nação, real e simbolicamente, às nações amigas e escancarar-las aos inimigos e quintas-colunas, como esses malvindes diplomatas urxistas que gozam de excesso de liberdade que ninguém pode sequer sonhar no paraíso escravocrata soviético, nem mesmo os próprios ex-russos.

Tudo quanto fazem demagógicamente é para opulentar mais os gatunos e subversionistas seus aliados, candidatos a futuros "chefs" e outros celerados, e para desesperar as populações, com fingimentos de impossibilidade de bom governo sem os poderes tiranizantes que vão estratégica, paulatina e cinicamente exigindo PARA PODEREM MELHORAR A VIDA DO POVO, conforme declaram ou mandam declarar pelos cupinchas e vendidos, que são a legião dos cafajestes que a tudo se prestam a tróco de dinheiro e prestígio...

Para tôdas essas patifarias, vai funcionando magnificamente a "bella invenzione" de 1889, já denunciada logo nos começos pelo seu próprio pregador Benjamin Constant como creador dos PRATICOS e destruidora dos patriotas.

Mas o maior sonho deles para a todos nós aniquillar está na anulação sumária "LEGAL" do sagrado DIREITO DE PROPRIEDADE, sem o qual não pode haver pessoas nem nações livres. Quer dizer: o ESPIRITO está mais em causa do que a ECONOMIA... E êle o mais visado nesta pejeja.

Querem meter a saque o Brasil como um exercito de bárbaros invasores, já que a ré... é o regimen multiplicador de assaltantes e dilapidadores da riqueza particular e pública, cada vez mais reduzida e aniquilada pelo tragicômico socialismo de mandões perversos, demagógicos e incompetentes que nos julgam todos uma manada de vacuns dos pampas ou da vacaria.

Já dissemos BASTA! em nosso número passado. Continuaremos a bradar a quem quer que tenha ouvidos de ouvir:

BASTA! BASTA! BASTA!
E cesse a covardia dos defensores da honra da Pátria dentro e fora das nossas fronteiras. BASTA!

Inglaterra. O tipo de Estado hoje, não será o mesmo do século XVII — a monarquia inglesa é socialista, não mais feudal, o principio monárquico, em França, é representado pelo Conde de Paris, um socialista, não por Luís XIV, que já morreu, etc. O Brasil, no século XX teria um regime diferente do que havia no século XIX — mas tanto poderia ser a república conservadora que houve, como a monarquia social, que estava em germe...

No século passado houve o debate, válido para a França, de "Ancien Régime" versus Revolução — direito divino dos reis, contra direito humano dos povos. Um democrata seria adepto de Rousseau e um monarquista do conde de Maistre. Com a descoberta, a partir de Leão XIII, da doutrina política da Igreja (Santo Tomás, Cajetano, Vitória, Suarez...) o problema perdeu o sentido: o direito divino é doutrina pouco ortodoxa e o poder vem de Deus pelo povo. O rei é "o vigário da multidão" e tem a sua autoridade no consentimento dos cidadãos. Isto é geral. Com relação ao Brasil basta que se leia a Constituição, basta que se estudem os mestres (Pimenta Bueno, Uruguai, Brás, Florentino de Sousa). O fundamento teórico do poder do Imperador era a delegação nacional. Na prática, sabemos que, hoje, 10 das doze democracias estáveis do mundo são monarquias e a reforma social somente se casa com a liberdade (também com duas exceções) nos degraus do trono: Suécia, Noruega, Dinamarca, Holanda, Inglaterra, Bélgica, Austrália, etc. ao lado da Alemanha e Austria.

Naturalmente não vou discutir as velhas teorias acêrca da "degenerescência" de famílias reais já que supponho conhecidas as leis de Mendel, e a genética científica, nem o que poderia acontecer com a hipótese rara de um insano no trono — isto pode acontecer em repúblicas.

O tema, portanto, seria: como pode a efetividade do pósto supremo do Estado, que o condena, segundo Rui Barbosa, a ser ocupado pela mediocridade, ser a garantia de governo mais eficiente, sem ofender à liberdade?

João Camillo de OLIVEIRA TORRES

"Formas de Governo" — Correio da Manhã — Rio, 5-8-62.

LEMBRETE PARA O PATRIANOVISTA

Quem não tem coragem de morrer por uma grande Causa não possui valor para viver por ela e para ela. A vocação para mártir é a garantia única da fidelidade aos principios e penhor da vitória.

A SUPERSTIÇÃO DEMOCRÁTICA

As leis dão corpo e estabilidade ao Estado. Mas as boas leis são, sempre, obra de grandes homens. Uma boa legislação é, em suma, um homem, ou uma teoria de grandes homens, consubstanciada e fixada em palavras para o serviço e conservação dos povos.

Na "Grandeza dos Romanos e sua Decadência", Montesquieu atribui o destino magnífico de Roma à circunstância de terem sido os seus primeiros reis, todos eles, grandes homens. Dando o ritmo à vida nacional, puderam esses varões eminentes construir o mais soberbo monumento político da antiguidade, senão de todos os tempos. E é esse talvez, ainda o segredo da solidez que apresentam em nossos dias os Estados-Unidos da América do Norte, cujos primeiros presidentes foram, quase todos, figuras de Panteon.

A unidade da nação brasileira, e o seu progresso nos dois reinados, foi produto, pode-se dizer, de uma politica assim compreendida e praticada. UMA DECADA DO PRIMEIRO OU DO SEGUNDO IMPERIO PRODUZIU MAIOR NUMERO DE FIGURAS CAPITULARES DO QUE DUAS DA REPUBLICA (Versal nosso). As grandes conquistas que ilustram aquêles dois períodos da vida brasileira correspondem à acção e à vontade de varões ilustres, cujos nomes a elas se ligaram. A lei do ventre livre chama-se Rio Branco. A reforma eleitoral tem o nome de Saraiva. A de 13 de Maio é João Alfredo. E se alguém objectar que Rodrigues Alves e o Barão do Rio Branco representam, igualmente, acontecimentos notáveis da vida republicana, devemos nos lembrar QUE SE TRATA DE INDIVIDUALIDADES QUE A MONARQUIA LEGOU A REPUBLICA. (versal nosso).

Urge acabar, pois, com a superstição de que o povo pode marchar sem chefes, e de que as nações se podem organizar politicamente, sem a cabeça, e o braço dos homens fortes, que lhes imponham a disciplina e o principio da obediência. A DEMOCRACIA PURA É INVENÇÃO DE DEMAGOGOS. Quando os povos se querem guiar por si mesmos, tombam na anarquia, da qual só escapam quando se levanta um homem e, Napoleão ou Lenine, os arrasta de novo, ao regime da ordem, com escalas pelo da servidão.

O m
agravado
ciado na
AGRUPA
NOS, E
FRONTE
grifos
O pe
uma ép
Intellig
A co
Redonda
entre os
Man

Se
dores
riamos
nativa
força p
o actu
mais é
mos d
cam a

AF
trianot
ocupag
agora i
chama
mento
VEIS
reagir
dões p
versão
mente

QUER
CONTE
NACIO

Co
só, au
as ho
E
ser ca
da ch
gargal
mento
que li
cabegi
não p
tem e
tences
na Se
com é
válvul

me c
de se
convé

oibou
N
-bem
sibilis
se no
passa
inatti
bebe
é dib
si na
por é
Vão

O mal desta Segunda República, herdado da Primeira e agravado na hereditariedade, e precisamente esse, consubstanciado na igualdade dos homens. URGE A FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS, QUE SELECIONEM OS VALORES HUMANOS, E DOS QUAIS SE LEVANTAM OS CHEFES QUE SE DEFRONTAM E MEÇAM COM OS HORACIOS E CURJACEOS (grifos nossos), em nome dos seus exércitos.

O povo não pode guiar-se, porque só dispõe do instinto, em uma época em que se tornam indispensáveis a perspicácia e a inteligência. Que eles se ergam, pois, e comandem.

A confusão actual está reclamando a supressão da Távola Redonda, para que se saiba, como na lenda medieval, onde está entre os cavaleiros o capacete do Rei Artur.

Mande quem pode. Obedeça quem deve.

HUMBERTO DE CAMPOS, "Diário de SP", 23-6-32.

POLÍTICOS

Se fôsem os políticos uma academia de amadores que se comprazessem discutindo, bem poderíamos esquecer-nos deles; ocupam, porém, alternativamente as cadeiras do mando, dispõem da força pública, resolvem altas questões que afectam o actual e o porvindouro, impõem tributos e, o que mais é, os arrecadam. Não é possível prescindirmos do que fazem e dizem, porque a todos nos tocam as suas obras e palavras. — Jaime BALMES.

Afirmamos na "Orgânica Patrianovista" que o Patrianovismo é a RESISTÊNCIA NACIONAL contra a ocupação estrangeira chamada república. Cumpre-nos agora acrescentar: ocupação estrangeira e COMUNISTA, chamada república. Pois esta será o seu desembocamento fatal naquela loucura... SE OS RESPONSÁVEIS PELA PÁTRIA, acovardados até este momento, não reagirem à altura contra o acanhalamento dos mandões possessos do demônio marxista, a serviço da subversão e revolução anti-nacional que denominam clinicamente "nacionalista".

QUER CONHECER OS MEIOS DE SALVAÇÃO DO BRASIL CONTRA TÓDAS AS ARTIMANHAS TOTALITARIAS INTERNACIONAIS E APATRIDAS?! LEIA "IDEIAS QUE MARCHAM NO SILENCIO", DE A. VEIGA DOS SANTOS.

OS RESSENTIDOS E A IMPERIAL GRANDEZA DO BRASIL

Conheço inúmeras pessoas que não vivem um instante, um só, autenticamente; cuja existência é de todo em todo, tódas as horas, todos os minutos, sucedânea da que devem viver.

Entre os ressentidos contra a espécie humana que podem ser catalogados em categoria semelhante, alargada a abertura da classificação, incluem-se os energúmenos, os que soltam gargalhadas de Mefistófeles nas horas mais solenes e nos momentos mais altos. Esse grupo abrange as almas caligulares que lamentam que a humanidade não tenha somente uma cabeça para poderem cortá-la de um só golpe. Há sujeitos que não podem ver limpeza que não sujem, brancura que não tentem enegrecer, sublimidade em que não desejem cuspir. Pertencem a essa marca de indivíduos — como um que conheci na Suíça — que ao passar de automóvel e ao ver uma placa com os dizeres "Silêncio, hospital!" buzina forte e abrem a válvula de escapamento.

— "Por que fez isto?" perguntei espantado ao jovem que me conduzia no seu carro, em 1943, do meu hotel para a casa de seus pais, pessoas pacatas, diferentes dele, que me tinham convidado para jantar.

— "Não gosto dessas intimações!" sorria ao dizer isto e olhou-me, esperando decerto minha admiração.

Não são raros nas comunidades fechadas, nos países super-bem-organizados, exemplares como este de quem falo. Impossibilitados de evadir-se, muitos desses, num meio como a Suíça, se normais de temperamento, aderem a um clube de alpinistas, passam a vida a grimpar despenhadeiros a procura de picos inatingidos. Outros carregam demais no vinho branco (o suíço bebe vinho tinto... comendo, e bebe vinho branco... bebendo, é ditado popular no cantão de Vaud), para criarem dentro de si nas horas de inebriamento, zonas, países, regiões estranhas por onde pervagarem. É grande o número de caçadores suíços. Vão para a África matar leões... A grande maioria obscura,

ocupada nos serviços de hotel e nas obras de precisão de relojoaria e joalheria, é calma na aparência, mas não são raros os que ocultam sob o inteiramento exterior recalques tormentosos. O rapaz que me conduziu no seu automóvel quisera tornar-se cineasta; andara pela Itália, demorara-se em Florença, entrara mesmo em combinações com uma das companhias ligadas à Cine-Città. Andava por Lausanne de cachecol de cores vivas para se dar ares de *metteur en scène*. Empregado de banco, deu um desfalque. Preso, condenado a três anos de cadeia, parecia contentíssimo entre as grades da prisão... apenas diferente da outra que o apertava desde o nascimento, a das montanhas físicas e morais do estrieto torrão natal.

As pessoas que estranham a exaltação amorosa com que falo do Brasil e a julgam exagerada em homem tão viajado, que viu tanta coisa grande e bonita, não aviliam a importância psicológica de ter nascido num país sem fronteiras como é o nosso... país em que a gente não tem que esbarrar a cada passo, de todos os lados, com outros países. O nosso não acaba nunca. Nêse se pode caminhar sem chegar ao fim. O filho do Brasil leva, por onde vai, a vastidão da paisagem dentro da alma. Nada nos sufoca.

O general West, ás da aviação britânica, grande ferido da guerra de 1914, a quem conhecia desde a Finlândia em 1938 e que reencontrei como adido militar em Berna durante a última guerra, voava todos os dias nos aeródromos suíços. "É o único meio que tenho de escapar dos limites que me rodeiam — disse-me ele. — Ao abrir a veneziana bato logo numa fronteira".

Quem nunca viveu na Suíça ou na Finlândia não sabe o que é confinamento. A perfeição das manufacturas helvéticas, a meticulosidade das suas realizações fabris, sua vida política exacta, sua preparação militar absoluta, são meios de compensação, pelo aprofundamento e pela minúcia, da estreiteza do espaço que os estrangula. Da mesma fonte é a aplicação do atleta finlandês e todo o rigor e vigor característicos da Finlândia. O suíço e o finlandês não podem brincar com o próprio destino como nós brasileiros.

Gilberto AMADO
"Minha Formação no Recife"

CALENDÁRIO PATRIANOVISTA

- 1 — 9 de Janeiro — Dia da Dinastia Nacional.
- 2 — 22 de Janeiro — Dia do Município (Fundação de São Vicente).
- 3 — 28 de Janeiro — Dia da Marinha Mercante Imperial.
- 4 — 22 de Abril — Dia dos Descobrimentos Lusíadas (Descobrimento do Brasil).
- 5 — 3 de Maio — Dia da Santa Cruz e da Fundação de PÁTRIA-NOVA (AIPB).
- 6 — 13 de Maio — Dia das Dinastias Lusíadas (Dom João VI) e da Unificação Nacional (Abolição da Escravatura).
- 7 — 11 de Junho — Dia da Armada Imperial.
- 8 — 13 de Junho — Dia das Tradições Nacionais (Santo António).
- 9 — 2 de Julho — Dia da Resistência Nacional (Vitória de Pirajá contra as Córtes Liberais).
- 10 — 20 de Julho — Dia da Força Aérea Imperial (Santos Dumont).
- 11 — 25 de Agosto — Dia do Exército Imperial (Duque de Caxias).
- 12 — 7 de Setembro — Dia da Fundação do Império.
- 13 — 13 de Setembro — Dia do Imperador (Dom Pedro III).
- 14 — 12 de Outubro — Dia da Padroeira do Brasil (N. S. da Conceição Aparecida) — Dia da Hispanidade.
- 15 — 15 de Novembro — Dia dos Mortos Patrianovistas.
- 16 — 2 de Dezembro — Dia dos Imperadores (Dom João VI, Dom Pedro I, Dom Pedro II, Dona Isabel I e Dom Luís I).
- 17 — 16 de Dezembro — Dia da Comunidade Lusíada (Elevação do Brasil a Reino).
- 18 — 17 de Dezembro — Dia da Unidade Imperial do Brasil (Dia dos Governadores-Gerais e Vice-Reis).

Nota — Nesta Imperial Cidade de S. Paulo de Piratininga, celebrar-se-á a 25 de Janeiro o Dia da Expansão Bandeirante.

— Além desse calendário geral, devem os Patrianovistas em cada Província ou Município celebrar as datas especiais da sua particular história dentro da Unidade Imperial do Brasil.

Chefia Geral

"FILOSOFIA POLÍTICA DE STO. TOMÁS DE AQUINO"
de A. VEIGA DOS SANTOS — Nas livrarias

CHUÇO NO LOMBO

Quem poder imaginar a Ilha Anchieta, de "Sete Dedos", em mistura com o hospital de loucos do Juqueri, terá uma idéia quasi que perfeita do ambiente negro em que se desenrola o nauseabundo ato final da Ré pública imposta ao Brasil, pela nefanda maçonaria, em 15 de novembro de 89.

Loucos; débris mentais; esquizofrênicos; tarados; vagabundos; ladrões. EIS OS HOMENS!

Está o país, seja qual for o ângulo de perspectiva em que nos coloquemos, à beira da guerra civil, em virtude da demagógica e safada mania reformista em que se apegaram os malandros "salvadores" da Pátria — que não querem, em última análise, senão salvar a própria pele, ou os empregos (deputados, senadores, governadores, prefeitos, etc.) que usufruem a dano da nação empobrecida e vilipendiada.

Reformas de base? Não! São apenas o acidental, cujo conserto se deverá proceder em seu devido tempo, supondo-se, PRIMEIRAMENTE, a

REFORMA DA BASE

O que se deve reformar, de IMEDIATO, é a INSTITUIÇÃO POLÍTICA, que é o ESSENCIAL que é a base. Dê-la, tudo o mais decorre.

Será inútil qualquer reforma acidental (agrária, bancária, administrativa, etc.) estultamente planejada, de base, permitindo-se a continuidade daquilo que é a causa de todos os desajustes, de todos os erros, de todas as necessidades de reformas: a Instituição Política, a RÉ pública dos "Estados" DES-unidos (ou ex-unidos) do Brasil.

A reforma agrária, por exemplo, nos termos em que está proposta, talvez, se tiver o apóio do parcela ponderável do Exército, poderá adiar para mais além a guerra civil. TAVEL. Teremos, então, antes dela e como mola propulsora dela, A FOME. Se for ROUBADA a terra a seus legítimos proprietários (que hoje mal, ou bem, a fazem produzir de acôrdo com os seus interesses) e entregue loteada a outros (INFELIZMENTE ignorantes e quicá doentes (por obra do des-caso republicano) e incapazes, por isso mesmo, de dirigir qualquer empresa produtora (e uma fazenda agrícola, se não é não é senão isso), teremos, INELUTAVELMENTE, em UM ANO, após essa paranóia, a FOME instalada no Brasil. Daí à guerra civil, será uma questão de horas.

Num país como o nosso, no qual SETENTA POR CENTO da terra, ainda virgem, pertence ao ESTADO todo poderoso, é um absurdo, senão um crime, pensar em coletivizar aquela infima parcela de terra, pertencente a particulares, que está produzindo, exatamente por ser AINDA, de particulares.

A reforma de que o país necessita, no sector agrário, por exemplo, é a de FINANCIAMENTO. Cumpre financiar barato e largamente quem queira produzir, já na compra de terra, sementes, adubos e implementos, já na protecção à respectiva produção. Neste campo, vários aspectos devem ser atendidos. Primeiro: sustentação de preços, para que os exploradores de desgraças alheias não joguem com os ditos por ocasião das colheitas, obrigando o produtor, por falta fictícia de mercado, a vendê-las "na hacinha das almas", roubado, assim, no produto de seu trabalho e de sua inteligência criadora. Segundo: facilidades de escoamento da produção. Terceiro: silagem, para que não se percam os excessos produzidos em épocas propícias, apodrecendo à beira das estradas, por falta de transportes, ou nas tulhas improvisadas e mal construídas, por falta de armazenamento adequado. Quarto: rede de distribuição, limpa dos "atravessadores" e intermediários desonestos, que hoje proliferam por força do des-caso do Estado que fecha os olhos aos seus criminosos assaltos, aos pobres e desamparados pequenos produtores. Quinto: fomento à exportação, fonte de divisas, de equilíbrio da produção e, sobretudo, desde que não roubado o seu produto pelo Estado ladrão, elemento máximo de incentivo ao desenvolvimento da produção e, portanto, garantia total de farto abastecimento das populações nacionais.

Tudo o mais que se diga é demagogia; é canalhice; é TRAIÇÃO!

Objetar-se-á que o que se pretende é proteger o trabalhador do campo. Sim. Ele deve ser protegido. É uma questão de humanidade. Não, porém, dividindo-se demagógicamente a terra.

O caso do trabalhador da terra é um caso trabalhista. Será, em certos casos, admitimos, até, um caso de Polícia, facilmente enquadrado no atual Código Penal. NUNCA UM MOTIVO PARA QUE, CRIMINOSAMENTE, SE PRETENDA ACABAR COM O direito de propriedade, ELEMENTO essencial à LIBERDADE DA PESSOA HUMANA.

Dê-se ao trabalhador rural melhor remuneração. Dê-se-lhe como operário do campo, maior amparo, para que se alimente, trate, vista, eduque, case e crie os filhos condignamente. Dêem-se, porém, em contrapartida, condições económicas e financeiras, para que o proprietário da terra possa remunerá-lo de acôrdo com as suas necessidades mínimas, estensivo este apóio como se viu, a ele próprio operário do campo, para que, se for inteligente e capaz, compre a sua própria terra e com ela produza, REALMENTE, para si e para a Nação.

Acabe-se com o falso financiamento ATUAL, que só é dado a quem tem muito, aos ricos proprietários (QUE TEM COM O QUE GARANTIR TAIS EMPRÉSTIMOS); que usam e abusam de tais financiamentos para negócios imobiliários nas Capitais e operações de "acceptance" (títulos de farta renda) quando não em dispendiosíssimas viagens de "recreio" à acanhada Paris.

Não há, atualmente, quem esteja satisfeito. TODOS GRITAM! TODOS nós, ricos, remediados e pobres, estamos sendo roubados pelo Estado ladrão e todo poderoso, para sustentar um aparelhamento administrativo-eleicoiro absolutamente incapaz, monstruosamente exagerado no número de funcionários e emperante burro-crático do simples e normal desenvolvimento nacional.

Só o aumento pretendido por tal funcionalismo (e que terá de ser dado, caso contrário teremos a tropa na rua... pelo visto e desgraçadamente motivo único pelo qual ela fará, nesta altura dos acontecimentos, qualquer coisa por este pobre e desgraçado país), eis que os seus pruridos constitucionais e legalistas (esquecem-se de que nem tudo que é legal é lícito ou honesto) consequência de sua má orientação política, lhes impõem um falso temor de ir contra uma falsa opinião pública (que nós sabemos honestamente, não existir, senão em uma escala ridícula, que talvez não chegue a 10% da população do Brasil).

Só o aumento pretendido, dizíamos, de 70%, acarretará uma majoração, este ano, no orçamento de despesas do Estado, de aproximadamente 100 BILHÕES DE CRUZEIROS, além dos 132 de aumento (correspondentes a 40%), já previstos no tal de Plano Trienal, aumento este que o des-governo pretende satisfazer através de um EMPRÉSTIMO COMPULSÓRIO, sinónimo de mais um assalto à bolsa do escorchado contribuinte nacional.

Não se discute a necessidade do aumento. Ela é REAL. Discute-se a causa eficiente do déficit e o modo errado de satisfazê-lo. Essa causa é o desequilíbrio orçamentário, provocado pela manutenção de um imenso funcionalismo inoperante e puramente eleicoiro. É o modo errado de procurar o equilíbrio no assalto ao contribuinte, ao invés de se procurar diminuir a despesa excessiva, que produz tal desequilíbrio.

Infelizmente, continuamos a clamar no deserto. Ninguém, dos que podem influir nos destinos do Brasil, quer nada "com o peixe". São, salvo raríssimas e por isso mesmo, HONROSÍSSIMAS exceções, uns gozadores; uns acomodados; uns COVARDES; uns TRAIDORES. Desde que possam continuar a usufruir de seus gostosos cargos, o resto "que se amole". Mexer-se-ão, brevemente, porém, quando o chuço vermelho dos inimigos do Brasil lhes cantar no lombo amolecido.

José de OLIVEIRA PINHO

ESTÁ DESESPERADO COM A SITUAÇÃO NACIONAL? QUER TER A SOLUÇÃO? COMPRE JA E LEIA "IDEIAS QUE MARCHAM NO SILÊNCIO", DE A. VEIGA DOS SANTOS. Em todas as livrarias da Capital de S. Paulo.

PARTIDOS

Todo partido tem a sua verdadinha particular, é instintivo, e quer impô-la aos outros, sobrepondo-se à Verdade revelada, à verdade simplesmente e refugiando a Tradição e a experiência provada e comprovada pelos séculos e contraprovaada pelos males advindos do seu abandono.

Por isso, nós patriarquivistas somos contra todos os partidos, inclusive "monárquicos". Monarquia não é partido, mas Tradição, Aspiração e Necessidade Nacional.